

De como cheguei à Filologia e à Linguística

Célia Marques Telles

A formação

Nasci em 1943, primogênita de uma família de classe média. Meu pai trabalhava no comércio e voltou a estudar, fazendo um curso de Contabilidade; minha mãe havia cursado apenas as Primeiras Letras, mas possuía uma formação cultural sólida, de profissão era costureira. Meus pais tiveram quatro filhos, eu, minha irmã e meus dois irmãos.

Meu avô paterno entre outras atividades tivera um jornal no interior do Estado, que dirigia e redigia com outros dois amigos. Lembro-me de ter visto uma coleção desse jornal, que meu pai mandara encadernar, na sala de leitura de meu avô. Estive com um exemplar desse jornal, que me foi mostrado pelo meu avô materno, usado como papel para enrolar verduras na feira. Foi o primeiro contato com o destino que se dava aos “papeis velhos” como os jornais. Meu avô paterno escrevia muito bem, numa caligrafia arredondada e muito regular, de que ainda tenho alguns cadernos manuscritos (contos e uma autobiografia). Se meu avô paterno dedicava-se às Letras, o meu avô materno era rábula – isto é um advogado causídico autodidata. Não conheci minha avó paterna, falecida há muito tempo: meus pais e minhas tias foram criadas pela irmã mais velha de meu avô. Tanto minha tia avó como minha avó materna sabiam ler e escrever, o que já era muita coisa em mulheres nascidas no interior do Estado nos fins dos anos oitocentos. Ligado à minha tia avó, que chegou à minha mão através

de minhas tias paternas, se achavam cadernos de mão, escritos por minha bisavó em que ela anotara dados da sua vida e um livro de receitas de cozinha e de medicamentos (meu bisavô, pequeno proprietário de terras, tinha uma botica nas Lavras Diamantinas). Os cadernos manuscritos de meu avô e as anotações de sua mãe foram os primeiros manuscritos que tive ocasião de manusear e examinar. Eram uma curiosidade. Em nossa casa e em casa de meus avós havia livros que despertavam a minha curiosidade: na sala de leitura de meu avô, toda em madeira feita por meu pai e meu tio, brincávamos eu, minha irmã e meu tio mais velho do que eu três anos. Foi lá que descobri um livro que, sem saber ler, “lia” acompanhando os quadros e contava a historinha: era uma cartilha do meu tio, companheiro de infância. Acabei ganhando de minha tia e madrinha um livro igual, que “lia” sempre. Que me lembre foi o primeiro livro que tive. São reminiscências que voltam e me apontam, hoje, indícios do interesse futuro.

Ao completar cinco anos entrei para a escola formal. Uma escola de bairro, perto de casa, com uma sala única para todos os alunos, que eram os filhos dos nossos vizinhos. Foi onde aprendi a ler e a notar que não gostava da Tabuada. Em 1949 mudamos para a casa que meus pais haviam comprado e onde moramos até 1979. Nesse ano de 1949, em meu aniversário de seis anos, ganhei um livro de histórias: era *A Chave do tamanho* de Monteiro Lobato, com ilustrações em preto e branco, embora a capa fosse bastante colorida (lido para nós, à noite antes de dormir, por minha tia); no Natal recebi outro livro, sobre as aventuras de Mickey Mouse, que não demorei a ler. Deste último, lembro-me de, pela primeira vez, buscar incessantemente um trecho, “para descobrir se eu havia lido corretamente”; a bem da verdade havia entendido errado! Em dezembro desse ano, meu pai completou o curso de contabilidade. A partir daí o trabalho em casa, que era o estudo, passou a ser o exercício particular da profissão que exerceu até falecer em 1988.

Fui criada, portanto, por pais que trabalhavam em casa. Devo não esquecer que minha mãe trabalhou até 1956, quando teve um acidente vascular cerebral, que a deixou hemiplégica, mas não incapaz.

A partir de 1950 passei a frequentar uma escola particular, perto de casa, formal, mas na qual nas salas eram distribuídos os alunos iniciantes (da alfabetização ao segundo ano) e os mais avançados (do terceiro ao quinto ano). No Natal de 1950 ganhamos de meus pais, eu e minha irmã, a coleção de livros infantis de Monteiro Lobato, publicada em 1947, pela Editora Brasiliense Ltda., com ilustrações de Le Blanc (em preto e branco). O tempo, os cupins e o papel poroso acabaram com os volumes, de que guardo até hoje apenas o sexto, creio que não sem razão, *Emília no país da gramática*, seguido de *Aritmética da Emília*. Fui uma assídua leitora de Monteiro Lobato. Nessa escola fiz a Primeira Comunhão, juntamente com minha irmã, em 1952. Aos poucos, de acordo com a maturidade infantil, li todos os livros e, nesse momento, por mim mesma, *A Chave do tamanho*. Como grande parte das meninas estudei piano, mas apenas por dois anos. Em 1952 concluí o Curso Primário, aos 9 anos, mas ainda não tinha idade para fazer o exame de conclusão. Nesse ano recebemos de meus pais a coleção *Tesouro da Juventude* que oferecia uma miscelânea de assuntos de informação geral e de fácil leitura. Em 1953, fiz o célebre exame do quinto ano, exigido para as escolas particulares que eram fiscalizadas por uma Inspetora de Ensino e, logo depois, o Exame de Admissão ao Ginásio. Ainda, em 1953, ao tempo em que me preparava para o Exame de Admissão, a professora dona da escola ofereceu-se para me ensinar o francês, língua que deveria começar a estudar apenas no ginásio. Foi assim que aos dez anos o francês entrou para sempre na minha vida civil e social.

Fui aprovada no Exame de Admissão e ingressei no Ginásio Estadual Severino Vieira, integrante do Colégio da Bahia. Lá cursei

os quatro anos de ginásio. No primeiro ano do ginásio, nas aulas de latim tive necessidade de um reforço que me chegou através de uma prima mais velha que, àquela época, estudava Letras Neolatinas na Faculdade de Filosofia. Essa prima segunda, do lado materno, acompanhou meu estudo de latim em todos os quatro anos de ginásio (meu e de outra colega muito amiga de quem tirava as dúvidas). Foi no curso ginásial que percebi o que seria estudar línguas estrangeiras modernas. Foi no segundo ano que, nas aulas de inglês, com uma professora recém chegada dos Estados Unidos, ouvi falar pela primeira vez e aprendi a usar o *IPA*. Isto mesmo, o alfabeto fonético internacional, que devíamos usar para transcrever os ditados de palavras isoladas. Confesso que aos doze anos gostei de fazer aquele exercício, nem sempre muito bem sucedido. Em 1954, cursando a primeira série do ginásio, minha mãe trouxe-me como presente, de uma viagem que fizera ao Rio de Janeiro, um volume dos *Sermões* de Antonio Vieira: na verdade o v. XV das *Obras completas* do Padre Antonio Vieira (1951), publicada no Porto, por Lello & Irmão. Em 1956, sofri o primeiro grande golpe familiar, quando minha mãe teve o acidente vascular cerebral. Aos treze anos começamos, os quatro irmãos, a viver outra vida, não mais dependendo diretamente da supervisão materna, apenas restaurada no ano seguinte.

Na infância e na adolescência meus pais nos fizeram conhecer a cultura da Cidade de Salvador e nos relatavam as suas experiências de viagens pelo Brasil.

Em 1958 deveria iniciar o ensino médio. Decidi, com a experiência com as duas línguas estrangeiras e as dificuldades com a Matemática, que não iria fazer o Curso Científico. Restava o Curso Clássico ou o de Magistério. Nova decisão: não iria para o Instituto Normal da Bahia, portanto, ali estava descartado o magistério. Tentei fazer o exame de seleção para o Colégio de Aplicação da Faculdade de Filosofia, no qual havia poucas vagas.

Não fui aprovada. Restava uma opção, fazer o Curso Clássico no Colégio da Bahia. Matriculei-me. Durante o Curso Clássico corrido grego (do que me arrependi posteriormente), estudei espanhol, francês, inglês e latim, além do português. Foi a época do meu encontro com a história da língua: no primeiro ano, o livro de língua portuguesa trazia ao final um capítulo sobre o português arcaico. Duas coisas ficaram na minha memória para sempre: a cantiga de amigo de D. Dinis “Ai flores, ai flores do verde pino⁴” e a equação metacrônica *-CT-* do latim evolui para *-it-* em português (i. e., lat. *-CT-* > port. *-it-*).

Ao falar de evolução, volto a lembrar de *Emília no país da gramática*, no capítulo *Emília ataca o reduto etimológico*, quando Lobato descreve uma cena com a Ortografia Etimológica: “Emília entrou e deu com uma velha de nariz de papagaio e arrabugentíssimo, que tomava rapé em companhia de um bando de velhotes mais rabugentos ainda, chamados de CARRANÇAS” (LOBATO, 1947, p. 142)⁵.

Foi durante o Curso Clássico que decidi seguir a carreira de Diplomacia e comecei a preparar-me para o Exame do Itamarati. Continuei o curso médio, preparando-me para o vestibular na área de Letras, já estudava inglês na Associação Cultural Brasil-Estados-Unidos (ACBEU). Fui aprovada no Exame Vestibular em 1962, para o Curso de Letras Neolatinas, matriculando-me na Faculdade de Filosofia da Universidade da Bahia. Fazia o curso de Letras Neolatinas e aproveitava para estudar as línguas estrangeiras oferecidas pelos institutos anexos à Universidade da Bahia (UBA) ou pelas instituições a ela conveniadas. Entre o primeiro e o terceiro anos de Letras, simultaneamente, frequentei cursos gratuitos de

4 Citada aqui segundo a leitura de H. Lang, de acordo com a edição organizada por Lênia Márcia Mongelli e Yara Frateschi Vieira (LANG, 2010 [1894], p. 264-265).

5 Trata-se da representação que Monteiro Lobato faz da ortografia etimológica, reproduzida caricaturalmente por Le Blanc (LOBATO, p. 143 e 151).

francês (na Casa da França), de inglês (no Instituto de Estudos Norte-Americano – IENA), de espanhol (no Instituto de Cultura Hispânica da Universidade da Bahia – ICHUB), de italiano (na Dante Alighieri) e de alemão (no Instituto Goethe). Como aluna do Curso de Letras Neolatinas, em 1962, assisti à I Semana de Filologia Românica, organizada por Nilton Vasco da Gama, em regime de conferências, mas não cheguei a assistir a dele. Nesse ano, quando em decorrência de uma greve estudantil de grande proporção, todos os alunos tiveram de submeter-se a provas escritas e orais, em todas as matérias em que estavam matriculados, fui examinada em Língua Portuguesa pelo Prof. Nilton Vasco da Gama que me perguntou “o que teria escrito” F. de Saussure ao final do *Cours de linguistique générale*. Anos depois aprendi que este era um tipo de questão com que ele surpreendia um estudante, testando-o! Foram muitos desses testes! No ano seguinte, 1963, frequentei as seções dos Seminários de Filologia Românica, também promovidos por Nilton Vasco da Gama, tendo a minha atenção despertada para o estudo diacrônico durante uma exposição feita pelo Prof. Dr. T. Henrique Maurer Júnior.

Em 1963, em uma viagem ao Rio de Janeiro com meus pais e minha irmã, tive a oportunidade de comprar, na Livraria Acadêmica, aonde fui levada pela noiva de um amigo, alguns livros de latim (a *Fonética histórica do latim* e a *Gramática superior da língua latina* de Ernesto Faria; as *Fontes do latim vulgar* e a *História do latim vulgar* de Serafim da Silva Neto; a *Gramática do latim vulgar* e os *Problemas do latim vulgar* de T. H. Maurer Jr.), de língua portuguesa (o *Manual de Filologia portuguesa* de Serafim da Silva Neto; *A Formação histórica da língua portuguesa* de Francisco da Silveira Bueno e a *Iniciação à filologia portuguesa* de Gladstone Chaves de Melo) além dos *Princípios de Linguística Geral* de Mattoso Câmara e da *Apresentação da lírica trovadoresca* de Segismundo Spina. Começava a reunir o que veio a ser a minha biblioteca.

No ano de 1964, inscrevi-me para o Exame do Itamarati, a ser realizado em julho de 1964. Já estava decidida a não fazer a licenciatura, escolhendo o bacharelado, em que me matriculei naquele ano. Começou, então, a grande reviravolta na minha vida. Como aluna do bacharelado devia cursar Língua Portuguesa, Filologia Românica e uma das línguas neolatinas estudadas, tendo escolhido o francês; solicitei, entretanto, matrícula em mais uma disciplina, que foi o latim, o que foi deferido pelo Departamento de Letras. A novidade era estudar Filologia Românica, até aquele ano oferecida apenas para os cursos de Letras Neolatinas e de Letras Clássicas: não chegávamos a quinze alunos. Pela primeira vez também naquele ano, com a implantação do novo currículo para os Cursos de Letras, a Filologia Românica era obrigatória para todos os alunos, de Letras Vernáculas, de Letras Clássicas, de Língua Estrangeira e de Letras Vernáculas e uma Língua Estrangeira ou Clássica, na recém reestruturada Universidade Federal da Bahia (UFBA). Como se vê, eu integrei a última turma de Letras Neolatinas da, até então, Faculdade de Filosofia.

Nesse ano de 1964, iniciei a minha experiência docente. Como ex-aluna do Instituto de Cultura Hispânica e como aluna do Curso de Letras Neolatinas, fui convidada para ministrar aulas de Geografia e História da Espanha como atividade complementar. Trabalhei apenas durante esse ano.

As aulas de Filologia Românica começaram a me impressionar, mais ainda a maneira como Nilton Vasco da Gama conduzia o estudo dos seus alunos. Como já disse em outro momento (TELLES, 2020), àquela época havia dois livros básicos para os estudantes, evidentemente em língua estrangeira, os *Éléments de linguistique romane*, de É. Bourciez (1956) e o *Origini delle lingue neolatine*, de C. Tagliavini (1952), além da *Introduction aux études de philologie romane*, de E. Auerbach (1949) e de B. E. Vidos, o *Manuale di linguistica romanza* (VIDOS, 1959), logo substituído pela tradução

espanhola, *Manual de lingüística románica* (VIDOS, 1963).

Repito aqui o que já escrevi alhures (TELLES, 2020), pois esse foi o meu primeiro contato com a linguística românica, no primeiro semestre de uma disciplina anual, quando:

[...] era desenvolvido o quadro histórico de formação do pensamento linguístico no âmbito da Linguística e da Filologia Românicas. Também era o suporte para o estudo da formação das línguas românicas, considerando o latim como uma unidade linguística no tempo e no espaço, como uma variedade na unidade e uma unidade na diferenciação, ou como disse B. E. Vidos, retomando E. Richter: a origem das línguas românicas é o latim falado em todas as regiões do Império romano em todos os períodos da latinidade (TELLES, 2020, p. 97).

Ainda neste semestre, tomei a grande decisão: isto é o que desejo aprender a fazer. Desisti de prestar o Exame do Itamarati, fato comunicado ao Departamento Cultural da Universidade, onde foram feitas as inscrições. E, como afirmei no meu *Memorial* para o concurso de professor Titular de Filologia Românica, redigido na terceira pessoa:

A mudança de visão de mundo e de carreira é decorrente do seu encontro com o conhecimento e entusiasmo do seu professor de Filologia Românica, o mestre Nilton Vasco da Gama, com quem trabalha desde o ano de 1964, ao cursar o terceiro ano do Curso de Bacharelado em Letras Neolatinas. Foi com ele que aprendeu a meticulosidade do trabalho, a seriedade profissional e adquiriu o amor à Filologia Românica. A sua trajetória, desde então, não pode estar desvencilhada daquela que vem sendo traçada por este baluarte da Filologia Românica no Brasil, que é Nilton Vasco da Gama. Ele a preparou e a colocou no caminho para chegar a pretender candidatar-se ao cargo de Professor Titular de Filologia Românica (TELLES, 1999, f. 2).

Muito recentemente resumi a importância de Nilton Vasco da Gama na minha formação, ao afirmar: “Para chegar até aqui devo muito, muito mesmo, na minha formação ao mestre muito querido e respeitado Nilton Vasco da Gama: ele moldou a professora e a pesquisadora” (TELLES, 2021).

Como escrevi no meu Memorial (TELLES, 1999), uma das minhas primeiras tarefas junto à cadeira de Filologia Românica – lembre-se que estávamos em 1964, seis anos antes da reforma da universidade brasileira – foram recensões informativas. Fui encarregada de resumir e discutir o conteúdo, como trabalho de classe junto com os meus colegas do terceiro ano de Neolatinas e de Clássicas, de um dos capítulos do livro de Francisco da Silveira Bueno, *A Formação da língua portuguesa* (BUENO, 1955). Esse exercício de aula serviu para que fosse incumbida de preparar duas outras recensões informativas, que deveriam integrar uma das seções da revista que então era preparada por Nilton Vasco da Gama, a *Studia Philologica*. Foi nesse momento que entrei em contato, na prática, com dois aspectos dos estudos de Filologia Românica: a paleografia, ao examinar a edição preparada por Antônio Gomes Filho de *Um Tratado da cozinha portuguesa do século XVI* (UM TRATADO..., 1963); e a cultura trovadoresca galego-portuguesa, ao examinar a antologia preparada por Vitorino Nemésio, *A Poesia dos trovadores* (NEMÉSIO, 196-). Foi esse o meu primeiro contato com textos do século XVI, estudo que, uma vez incentivado, jamais foi abandonado.

Depois destes parênteses, retomo a narrativa. No segundo semestre de 1964, tive contato com a paleografia, com a crítica textual e com os textos em occitano antigo, i.e. em provençal antigo (a leitura e a transcrição da *Vida d'en Riambaut de Vaqueyras* e da *Vida de Guillem de la Tour*) e em francês antigo (um excerto do episódio *Erec à la chasse* de Chrestien de Troyes). As aulas completavam o conhecimento da escrita em letra gótica, com a descrição do

manuscrito e com a análise dos fatos linguísticos registrados nos textos. Nesta análise eram aplicados os conhecimentos adquiridos nos “estudos relativos à constituição histórica das duas línguas, destacando-se os fenômenos de maior interesse. Ao lado desse trabalho, para os estudantes que o desejassem, foram distribuídos textos portugueses para serem editados” (TELLES, 2020, p. 98-99). Nesse momento, tive o primeiro contato com o códice *FP 56 da BNP*, que seria objeto da minha tese de Doutorado na Pós-Graduação em Filologia e Língua Portuguesa da Universidade de São Paulo (TELLES, 1988).

A partir de 1964, passei, então, ainda como estudante, a trabalhar junto à equipe de Filologia Românica que, àquela época contava com a professora Teresa Leal Gonçalves Pereira e, parcialmente, com a professora Ana Maria Geiger Dias de Moraes. No período de setembro a dezembro trabalhei como colaboradora da Professora Teresa Leal Gonçalves Pereira no curso de Língua Portuguesa para estudantes do Nordeste, que participavam de um curso preparatório para o Vestibular para Biologia, na Faculdade de Filosofia.

Em 1965, na quarta série do Curso de Bacharelado em Letras Neolatinas, fiz opção para Língua e Literatura Francesas (obrigatória no currículo), solicitando ainda a opção em Filologia Românica e Língua e Literatura Latinas. Foi em julho de 1965 que tive os primeiros contatos fora da Bahia, quando fomos, Teresa Leal Gonçalves Pereira e eu ao Rio de Janeiro e a São Paulo, sendo encaminhadas por Nilton Vasco da Gama a Celso F. da Cunha, a Isaac Nicolau Salum e a Segismundo Spina. Foi também a primeira visita à Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, à Fundação Casa de Rui Barbosa e à Universidade de São Paulo.

Nesse ano, já integrando a equipe de Filologia Românica, recebi de Nilton Vasco da Gama uma cópia microfilmada do manuscrito *Fonds Portugais 56 da Bibliothèque Nationale de France*,

para fazer a transcrição. Daí resultou o meu trabalho final de Bacharelado, na matéria Filologia Românica, *O Livro de marinharia de Manuel Álvares: manuscrito português do século XVI* (TELLES, 1965) embrião da minha dissertação de Mestrado em Letras (UFBA) e da minha tese de doutorado em Ciências Humanas, na área de Língua e Filologia Portuguesa, na USP.

Concluí o curso de Bacharelado em Letras Neolatinas em 1965, tendo colado grau em 1966.

Desdobramentos

De 1966 a 1970 trabalhei como Auxiliar Voluntária na equipe de Filologia Românica, com atividade de ensino supervisionada tanto em Linguística Românica como em Filologia Textual. Em todos os casos todo o meu trabalho era dirigido por Nilton Vasco da Gama em duas metas: a orientação da fundamentação teórica e a do trabalho prático. Começava, também, a auxiliá-lo nas aulas práticas de Paleografia, no curso de Biblioteconomia. Na pesquisa continuava fazendo a leitura paleográfica do manuscrito *Fonds Portugais 56 da Bibliothèque Nationale de France*, a leitura e a análise paleográfica do manuscrito *I-E-33 da Biblioteca Nazionale di Napoli (O tratado da cozinha portuguesa)*, assim como o estudo da língua portuguesa no século XVI e o da literatura de viagens. Participava ainda da pesquisa coletiva, *O Estudo do vocabulário de Dom Duarte*, de que se preparava a classificação segundo o sistema racional de conceitos de R. Hallig e Walther von Wartburg (1963).

Minha primeira experiência no ensino superior aconteceu em 1968, quando fui indicada por Nilton Vasco da Gama à Professora Maria Tereza Camargo Biderman para ensinar Filologia Românica na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Marília (SP). Permaneci em Marília de setembro a novembro de 1968,

substituindo a Professora Biderman durante o seu afastamento. Sob a orientação de Nilton Vasco da Gama, dando continuidade ao trabalho já desenvolvido por Maria Tereza Biderman, encarreguei-me, no período, de três módulos: *Literatura medieval românica* (set.), *Domínio linguístico galo-românico* (out.) e *Descrição do sistema linguístico da Galo-România* (nov.). Foi quando conheci Ataliba Teixeira de Castilho, que, então, era docente da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Marília. Nessa época intensificou-se o contato com os professores ligados à Universidade de São Paulo, passando a fazer consultas na Biblioteca da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (ainda na Maria Antônia!) e na Biblioteca Municipal Mário de Andrade em São Paulo. Tive ocasião de assistir a cursos proferidos na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Marília por Isaac Nicolau Salum e Segismundo Spina. Em finais de novembro, concluído o semestre do curso, retornei a Salvador e inscrevi – com o Grupo de Filologia Românica⁶ – os primeiros trabalhos em um congresso internacional: o *II Congresso da Associação de Filologia e Linguística da América Latina* (ALFAL), a ser realizado, em São Paulo, em janeiro de 1969. Nesse momento, fui contemplada com uma bolsa de pesquisa solicitada por Nilton Vasco da Gama à Universidade Federal da Bahia.

Tive duas comunicações aceitas para apresentação nesse *II Congresso da ALFAL*. Uma delas é o resultado do trabalho de pesquisa coletiva do Grupo de Filologia Românica, que estudava o *Vocabulário de Dom Duarte*, a saber, *Alguns aspectos do vocabulário relativo à vida anímica (sentimentos e sensações) no “Leal Conselheiro” de Dom Duarte* em que se aplica o *Begriffssystem als Grundlage für die Lexikographie* (Sistema racional de conceitos como base para a lexicografia) de Rudolf Hallig e Walther von Wartburg (1963) ao

⁶ Trabalhavam no Grupo dirigido pelo Professor Nilton Vasco da Gama: Teresa Leal Gonçalves Pereira, Célia Marques Telles, Vera Lúcia Britto Gomes e Sandra Musser Leite.

vocabulário relativo a “sentimentos e sensações” em Dom Duarte (GAMA; PEREIRA; TELLES; GOMES, 1969). Da prática de aplicação do sistema racional de conceitos viria a fundamentação do assunto desenvolvido na dissertação de Mestrado em Ciências Sociais. A segunda comunicação aceita era resultante da pesquisa individual sobre os textos da literatura de viagens, *O Estilo dos “roteiros de navegação”, dos “diários de navegação” e das “cartas-relação” na literatura de viagens; uma contribuição ao estudo do português do século XVI* (TELLES, 1969), apresentando uma primeira análise das principais características que marcam estilisticamente três dos tipos de textos da literatura de viagens. É a partir dessas primeiras considerações que foram desenvolvidos dois outros trabalhos e, enfim, a dissertação de Mestrado em Letras.

Nessa época, janeiro-fevereiro de 1969 – com os recursos advindos da bolsa – além de assistir ao *III Simpósio do PILEL*, participei do *III Instituto Interamericano de Linguística* e do *II Instituto Brasileiro de Linguística*, na Universidade de São Paulo, matriculando-me em três cursos e frequentando dois outros. Cursei regularmente os cursos de *Metodologia Dialeológica*, com Manuel Alvar, da Universidad de Granada (Espanha), de *Fonética e Fonologia* e de *Fonética Articulatória*, ambos com Bertil Malmberg, da Universidade de Estocolmo (Suécia). Frequentei, ainda, os cursos de *Dialeologia Iberoamericana*, com Manuel Alvar, e de *Linguística Geral*, com Jorge Suárez, da Universidad de Córdoba (Argentina). Desses cursos, o de *Metodologia Dialeológica*, foi aproveitado para o Curso de Mestrado em Ciências Sociais. Nesse janeiro de 1969 participei da reunião de linguistas na qual foi criada a *Associação Brasileira de Linguística* (ABRALIN), sendo uma das signatárias da ata.

Em fevereiro de 1969 fiz uma inscrição para concurso de Auxiliar de Ensino da matéria Filologia Românica no Departamento de Letras da Faculdade de Filosofia da Universidade da Bahia, no

entanto, o concurso não chegou a se concretizar. Em 1969, como Auxiliar Voluntária, recebi a incumbência de ministrar algumas das aulas de Filologia Românica e de Paleografia. No início de 1970 fiz no *Curso de Verão da ABRALIN* o curso de *Fonética* – que teria sido ministrado por Joaquim Mattoso Câmara Jr. e que, infelizmente, por ter adoecido, não o fez, sendo substituído por Yonne Leite – e o de *Dialectologia* com Nelson Rossi.

Em março do mesmo ano iniciei o *Curso de Mestrado em Ciências Sociais*, matriculando-me no *Curso sobre o Recôncavo Baiano*, uma parceria da Universidade Federal da Bahia e da Universidade de São Paulo. Nessa época cursei Antropologia e Linguística, e mais Sociologia, História, Geografia e Arquitetura, com enfoque sobre a formação e o desenvolvimento da cultura no Recôncavo Baiano. Todos os trabalhos realizados para obtenção dos créditos centraram-se na metodologia da pesquisa na área cultural, na literatura do período colonial, em especial do período quinhentista, e na descrição e análise linguística, tendo escolhido o campo do vocabulário da comunidade religiosa de *candomblé*, sendo orientada por Vivaldo da Costa Lima, com a co-orientação de Nilton Vasco da Gama. Paralelamente fiz um curso de *Folclore*, com José Calasans, na Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal da Bahia. Em 1971 completei a creditação para o Curso de Mestrado em Ciências Sociais, convalidando os créditos obtidos na Universidade de São Paulo, no curso de *Metodologia Dialeológica*, e fazendo o curso de *Filosofia* e os seminários de *Problemas de Estudos Brasileiros*. Em 1971 apresentei a minha dissertação de Mestrado em Ciências Sociais, intitulada *Tentativa de Classificação semântica do vocabulário de uma comunidade religiosa de candomblé segundo o sistema racional de conceitos de Rudolf Hallig e Walther von Wartburg* (TELLES, 1971).

Em 1970, inscrevi-me no concurso de Auxiliar de Ensino para Filologia Românica no Instituto de Letras da UFBA, fui aprovada e

tomei posse em 15 de dezembro de 1970. Começando a trabalhar de imediato. Ainda em dezembro de 1970 recebi de presente do Prof. Nilton Vasco da Gama um exemplar da *História da língua portuguesa* de Serafim da Silva Neto: era da primeira edição, em fascículos, que mandei encadernar e guardo com muito carinho. A partir de março de 1971 ministrei aulas de Filologia Românica e passei a auxiliar o Prof. Nilton Vasco da Gama nas disciplinas de Paleografia e Ecdótica, para o curso de Biblioteconomia e para o Bacharelado em História. Em 1971, fui indicada pelo Prof. Vasco da Gama para dar as aulas da disciplina Filologia Românica e de Linguística no Instituto de Letras da Universidade Católica de Salvador (UCSAL) e de Filologia Românica na Faculdade de Educação de Feira de Santana. Foi no Curso de Letras da Faculdade de Educação que conheci Ilza Ribeiro, quando ela concluía a licenciatura plena em Letras. Na UFBA continuava a trabalhar na pesquisa e integrei – com Teresa Leal Gonçalves Pereira e Vera Lúcia Britto Gomes – a equipe de colaboradores na preparação da *Pequena bibliografia de Filologia Românica* organizada pelo Prof. Nilton Vasco da Gama (1972).

Com o Mestrado em Ciências Sociais, em 1973, passei para a função de Professor Assistente. Até 1974 trabalhava nas três universidades: durante os dias na UFBA, no curso noturno da UCSAL e aos sábados na UEFS. No segundo semestre de 1974 mudei de regime de trabalho, passando ao regime de Dedicção Exclusiva, e desde então deixei as atividades na UCSAL e na Faculdade de Educação em Feira de Santana. Cheguei a integrar o grupo de docentes da área de Letras da Faculdade de Educação que viria a compor o Centro de Letras e Artes na criação da Universidade Estadual de Feira de Santana. Minha atividade de ensino na UFBA compreendia as disciplinas de *Filologia Românica* para os cursos de Letras, e as de *Paleografia e Ecdótica* para os cursos de Biblioteconomia, para o Bacharelado em História e, mais tarde, para o de Museologia. A

edição de textos e o estudo da língua portuguesa no século XVI eram o objeto dos projetos de pesquisa obrigatórios para o docente em regime de DE. Em 1975, com a permanência do Instituto de Letras no velho prédio da Av. Joana Angélica, chegou à mão de Nilton Vasco da Gama um conjunto de documentos manuscritos em cerca de nove maços de papel amarrados: era o que pelo conteúdo foi denominado *Coleção Santo Amaro*⁷, que foi guardada na Sala de Filologia Românica. Na mesma época foi-lhe entregue mais um maço de papel relativo à *Instrução Publica da Bahia*. Em 1976 Albertina Ribeiro da Gama, graduada em Biblioteconomia, fez o concurso para Paleografia e Ecdótica, e apresentou para o Regime DE um projeto de pesquisa, tendo como *corpus* a *Coleção Santo Amaro*. Em 1975, com Teresa Leal Gonçalves Pereira, colaborei na revisão final da tradução (do original francês) feita por Nilton Vasco da Gama, para a Livraria Pioneira, do livro *Princípios de gramática gerativa*, de Joseph Nivette (1975 [1974]).

Em 1976, foi criado o Mestrado em Letras na UFBA, nele matriculando-me como aluna especial na primeira turma, quando cursei Linguística Gerativa, Linguística Românica e Crítica Textual. Neste ano, comecei a minha pesquisa em edição de textos literários, ao estudar a obra de Arthur de Salles, tema que foi objeto de uma disciplina oferecida no Mestrado em Letras pelo Prof. Nilton Vasco da Gama. Em 1978 fiz a seleção para o Mestrado em Letras, tendo Nilton Vasco da Gama como Professor Orientador. Aproveitei as disciplinas já cursadas, fazendo a Metodologia da Pesquisa e completando os créditos nas disciplinas optativas de Filologia Românica. Nesse ano fui aluna de George Straka, professor convidado pelo Mestrado em Letras, para ministrar uma das disciplinas de Filologia Românica. Concluí o curso de Mestrado em 1982, com a dissertação *As categorias de modo, tempo e aspecto em*

⁷ Hoje a coleção integra o acervo do Centro de Estudos Baianos da Biblioteca Central Reitor Macedo Costa.

textos românicos do século XVI (TELLES, 1982) a partir da pesquisa que já vinha desenvolvendo com os textos de viagem.

Em 1979, com o afastamento de Nilton Vasco da Gama, para fazer estágio pós-doutoral, e de Albertina Ribeiro da Gama, para fazer Doutorado, na Université de Strasbourg (França), tive ampliado o número de disciplinas de Filologia Românica sob minha responsabilidade, e ministrei as de Paleografia e Ecdótica nos cursos de Biblioteconomia e de Bacharelado em História, assim como dei início à minha atividade acadêmico-administrativa na UFBA, quando assumi as representações de Filologia Românica no Colegiado dos Cursos de Letras e de Paleografia e Ecdótica no Colegiado de Biblioteconomia, funções que tive até 1983 e, algumas vezes, nos anos seguintes. Na pesquisa, além de me ocupar com a literatura de viagem e colaborar na edição da obra de Arthur de Salles, comecei a trabalhar com os documentos da *Coleção Santo Amaro*. Foi quando iniciei a minha atividade de orientação de alunos da Graduação em Letras ou em Biblioteconomia, solicitando bolsas de Monitoria para trabalhar com o acervo de documentos baianos. Organizamos, em períodos sucessivos, todo o inventário da *Coleção Santo Amaro* e da *Instrução Pública da Bahia*, foi nesse período que Teresa Leal Gonçalves Pereira apresentou um projeto ao CNPq, para a organização e a guarda dos documentos da *Coleção Santo Amaro*.

Em 1982, foi publicada a edição crítica do poema *Sangue-mau* de Arthur de Salles (1982 [1949]), resultado de um trabalho de equipe coordenado por Nilton Vasco da Gama desde 1976. Em 1983 auxiliei Albertina Ribeiro da Gama em um Curso de Especialização em Arquivologia, na Escola de Biblioteconomia. Foi minha primeira atuação na Pós-Graduação.

Os anos setenta e oitenta do século XX foram cruciais para a consolidação da filóloga e da linguista, quadro que se completou com o Doutorado em Filologia e Língua Portuguesa, para o qual fiz

inscrição em 1982, quando o Prof. Dr. Isaac Nicolau Salum aceitou-me como orientanda, com a proposta do projeto sobre a edição dos roteiros do *Manuscrito FP 56* da Biblioteca Nacional da França. Iniciei o curso de Doutorado em Ciências Humanas (área de *Filologia e Língua Portuguesa*) em março de 1983, ainda sem afastamento das atividades na UFBA e sem bolsa, que só me foi concedida a partir do segundo semestre de 1983. No primeiro semestre de 1982 fiz dois cursos na USP: o de *Língua Portuguesa: Linguagem e Estilo no século XVII*, com o Prof. Dr. Segismundo Spina e o de *Abordagem Sintático-Semântica do Texto*, com o meu orientador, Prof. Dr. Isaac Nicolau Salum. Em 1984, com a aposentadoria do Prof. Salum, este passou a minha orientação para a Prof^a. Dr^a. Edith Pimentel Pinto, que me orientou até a defesa da tese em 1989. Do desenvolvimento do projeto proposto ao ingressar no doutorado, elaborei a tese *Coleção de roteiros portugueses da Carreira da Índia no século XVI: edição do manuscrito FP 56 da BNP* (TELLES, 1988), defendida em 9 de março de 1989. Em 1989 ingressei como Professor Permanente no Mestrado em Letras, atuando em Linguística Românica e em Crítica Textual.

A partir dos anos 90 coordenei o Mestrado em Letras (1992-1994). Integrei, em 1995, a Comissão que preparou a proposta de criação do Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística (PPGLL), com a criação do Doutorado em Letras, programa que coordenei em períodos alternados até 2010. Como Coordenadora do PPGLL integrei a Comissão que propôs à área de Letras e Linguística da CAPES, a divisão do Programa, resultando nos atuais (e já revistos e melhorados) Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura – PPGLinC, e Programa de Pós-Graduação em Literatura e Cultura – PPGLitCult (TELLES, 2013).

Como Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, em 2009, encaminhei à CAPES, com a Prof^a. Aparecida Feola Sella, da UNIOESTE (Cascavel), um Projeto de

Programa Interinstitucional, o Doutorado Interinstitucional UFBA/UNIOESTE, iniciado em 2010, encerrado em 2014 (TELLES; SELLA, 2016, p. 23-31).

Frutos

Os anos oitenta do século XX terminaram e a partir da última década do século eu era Professor Adjunto de Filologia Românica, desenvolvendo minha atividade docente na graduação e na pós-graduação em Letras na UFBA. Foi o momento de levar adiante o projeto da edição da obra do poeta baiano Arthur de Salles. Em 1999 fiz o concurso para Professor Titular, sendo nomeada em janeiro de 2000. Como Professor Titular aposentei-me em 2012 e permaneço atuando, de acordo com o PROPAP, no Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura da UFBA (TELLES, 2013).

Que frutos colhi?

Sem o apoio de Albertina Ribeiro da Gama, de Teresa Leal Gonçalves Pereira, de Rosa Borges dos Santos, de Risonete Batista de Souza, de Elizabeth Baldwin, de Alícia Duhá Lose, de Norma Suely da Silva Pereira, de Arivaldo Sacramento de Souza e de Rosinês de Jesus Duarte, o meu caminho não teria tido o sucesso que buscava em 1999.

Integrávamos o Grupo de Pesquisa Filologia Românica, agora acrescentado de Eliana Brandão Gonçalves, Isabela Santos de Almeida, Fabiana Prudente Correia e Débora Souza⁸. Em 2013, juntamente com Rosa Borges dos Santos, assumi a liderança no

⁸ O GP *Nova Studia Philologica* tem agora os seguintes pesquisadores: Célia Marques Telles, Rosa Borges dos Santos, Risonete Batista de Sousa, Norma Suely da Silva Pereira, Arivaldo Sacramento de Souza, Rosinês de Jesus Duarte, Eliana Brandão Gonçalves, Isabela Santos de Almeida, Fabiana Prudente Correia e Débora de Souza, contando com a colaboração de Alicia Duhá Lose.

⁹ Hoje PQ 1D.

Grupo de Pesquisa do Diretório de Pesquisa do CNPq, agora denominado exatamente NOVA STVDIA PHILOLOGICA, em homenagem ao mestre Nilton Vasco da Gama.

A manutenção da atividade docente havia permitido que eu recebesse uma bolsa de permanência até 1999, quando, pela atividade de pesquisa, concorrendo ao edital do CNPq, fui contemplada com uma Bolsa de Pesquisa.

De 1999 a 2007, coordenei três projetos integrados, com financiamento do CNPq: *Resgates da Memória Cultural: Acervos, Imagens e Identidades*, *Resgates da Memória Cultural: Acervos, Imagens e Identidades* (2ª. etapa), *Resgates da Memória Cultural: Acervos, Imagens EtniCidades*. Esses projetos contaram com a participação das professoras Eneida Leal Cunha, Ivia Iracema Duarte Alves, Ana Rosa Neves Ramos e Florentina da Silva Souza (TELLES, 2013, f. 23-25).

De 1999 a 2013 coordenei 8 projetos de pesquisa, desenvolvidos em equipe com outros docentes, com alunos de pós-graduação e com alunos de iniciação científica. Minha participação em 7 deles decorre da Bolsa de Produtividade em Pesquisa do CNPq (PQ2). 5 desses projetos estão ligados ao Programa *Edição crítica da obra de Arthur de Salles*, enquanto os outros 2, e mais recentes, acham-se ligados ao Programa de *Edição e Estudo dos LIVROS DE TOMBO do Mosteiro de São Bento da Bahia*, cuja coordenação geral era de Alícia Duhá Lose, como Coordenadora Geral de Pesquisa da Faculdade São Bento (TELLES, 2013, f. 25-29).

Atualmente mantenho dois projetos, vinculados à linha de pesquisa *Linguística Histórica, Filologia e História da Cultura* do PPGLinC.

- 1) *Estudo Diacrônico de Fenômenos Linguísticos na România – II*. Retomada do projeto sobre análises dos diferentes níveis de língua, no âmbito das línguas românicas. A partir de três artigos de Giuseppe Tavani (2007;1988a; 1988b) são feitas

algumas reflexões sobre o conceito de texto e a propósito de edições fidedignas, pois sabe-se que para ler corretamente um texto é necessário restabelecê-lo em sua forma arquetípica e em seu contexto histórico. Nessa perspectiva estão sendo desenvolvidos trabalhos ligados à análise de fatos linguísticos, em especial ligados ao léxico ou relacionados à análise grafemático-fonética, em textos do francês médio e do francês moderno, do espanhol quinhentista e em português quinhentista, seiscentista, setecentista, oitocentista e novecentista. Em todos os casos a escolha do texto perpassou pela escolha da edição fidedigna.

2) *Documentos Retrasladados dos Livros do Tombo e o Índice Chronologico Analytico dos cinco Livros do Tombo* (com bolsa do CNPq⁹). Em 2017, o trabalho com os documentos retrasladados encontrou, para o processo da *recensio*, forte apoio na edição semidiplomática do livro manuscrito com o título *Índice chronologico analytico dos cinco Livros do Tombo (ICALT)*, compilação datada de 1928. Todos os 1061 registros de documentos já foram editados. Vale observar que o *ICALT* traz registros de todos os documentos dos *Livros do Tombo*. Quanto aos documentos retrasladados, o foco será nas anotações marginais, da mão de Joaquim Tavares de Macedo, no *Livro I do Tombo* e no *Livro II do Tombo*, de forma a poder, com esta *recensio*, proceder à *collatio* utilizando-se os registros do *ICALT*, que serão acrescentados às 52 remissões do *Livro Velho do Tombo* e às 19 remissões do *Livro III do Tombo*. Em resumo, a proposta atual, dando continuidade às relações entre os documentos retrasladados e utilizando o *ICALT*, foi desenvolvida em três vertentes da pesquisa: 1) conclusão da edição semidiplomática do *ICALT*

9 Pesquisador 1D desde 2019.

e início da descrição codicológica do manuscrito; 2) a *collatio* em cada grupo de documentos retrasladados; 3) continuação da análise dos diferentes níveis linguísticos permitidos pelos textos (grafemático-fonético, morfossintático, lexical e discursivo).

Integro a Associação de Linguística e Filologia da América Latina (ALFAL) desde o seu segundo Congresso, em 1969. Nos anos noventa já era sócia da Associação Brasileira de Linguística (ABRALIN), da Associação Brasileira de Estudos Medievais (ABREM), do Grupo de Estudos Linguísticos do Nordeste (GELNE), da Associação de Pesquisadores do Manuscrito Literário (APML) – de que me afastei quando passou a ser exclusivamente de pesquisadores em Crítica Genética. Durante um pequeno período havia-me afiliado à Linguistic Society of America. No início do século XXI filiei-me à Société de Linguistique et de Philologie Romanes (SLPR). Em todo esse período tenho participado de conselhos nas associações (exceto na APML), apresentado trabalhos nos congressos científicos e colaborado na organização de reuniões científicas (ABREM, GELNE).

Desde os anos noventa, com a atuação e pesquisa na pós-graduação em Letras e Linguística, comecei a participar de Grupos de Trabalho da Associação Nacional de Pós Graduação em Letras e Linguística (ANPOLL), de início o GT de Crítica Genética (quando ainda trabalhava com a edição crítica da obra de Arthur de Salles) e, mais tarde, o GT de Estudos Medievais (GTEM), de onde cheguei a ser vice-coordenadora e coordenadora, hoje GT de Estudos Clássicos e Medievais (GTECEM).

Das primeiras orientações de Monitoria, logo seguidas daquelas de Iniciação Científica, vieram as orientações em Crítica Textual e Filologia Textual e em Linguística Românica, de início no Mestrado em Letras, a que mais tarde se somaram as de Mestrado

e de Doutorado no Programa de Pós-Graduação em Língua e Literatura, e, recentemente aquelas de Mestrado e de Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura. Até 2021 tive quatro doutores em supervisão de PRODOC, três deles docentes com atuação em cursos de pós-graduação em Letras.

Da pesquisa centrada na Literatura de Viagens, meu foco de investigação deslocou-se para os manuscritos do Brasil Colônia e para a obra poética de Arthur de Salles. Hoje continuo estudando os manuscritos do século XVII a XIX e, com a espera de 2022, planejo a retomada da edição da obra de Arthur de Salles e o estudo do léxico regional em sua obra.

Na direção atual dos estudos da Linguística Histórica, na perspectiva da Sociolinguística Histórica, não posso dissociar o estudo do texto daquele da análise linguística. Desse modo o estudo grafemático-fonético da *scripta* dos textos tem levado necessariamente à análise dos indícios de mudança fonético-fonológica.

Toda a minha atividade desenvolve-se na subárea da Linguística Histórica, centrada no estudo da língua (antes também do processo de criação do texto autoral) e na edição de textos do passado, na interface entre a Linguística Românica e a Filologia Textual (TELLES, 2013).

Repito, mais uma vez: o estudo da língua só é possível se o pesquisador dispõe de um texto fidedigno, a partir do qual poderá estudar um ou mais níveis da língua (grafemático, fonético, morfossintático, lexico-semântico, chegando ao texto e ao discurso), podendo focar o objeto da linguística numa perspectiva pluridimensional (ou não), como demonstrou K. Baldinger no seu artigo *L'object de la linguistique* (BALDINGER, 1977).

Por fim, da minha atividade em docência e em pesquisa recebi inúmeras homenagens. Em decorrência da minha docência no Curso de Letras da Faculdade de Educação em Feira de Santana,

recebi o título de *Professor Amigo da UEFES*. Ao aposentar-me, em 2012, recebi da UFBA a *Honra ao mérito* pela minha atuação como docente desta Universidade. Em 2013, fui indicada pelos meus pares para a *Medalha Serafim da Silva Neto* (CIFEFIL). Em 2016, a Comissão Organizadora do VIII Seminário de Estudos Filológicos o organizou em homenagem a mim e publicou a coletânea *Estudos filológicos: linguística românica e crítica textual* (TELLES, 2016). Da Associação de Linguística e Filologia da América Latina recebi o título de *Sócio de Honra* da ALFAL durante o XVIII Congresso, em 2017. Em 2021 a Universidade Federal da Bahia outorgou-me o título de *Professor Emérito*.

A criança que leu Monteiro Lobato e viu as representações (linear e visual) da ortografia etimológica ficou encantada no futuro quando aprendeu o que seria a etimologia, não apenas a “etimologia-origem” mas a “etimologia-história da palavra” (BALDINGER, 1959, p. 239; 241; 247-248). Do mesmo modo, nos últimos dois anos, ao examinar a grafia <Itapoão> do *scriptor* do *Índice cronológico analítico dos cinco Livros do Tombo do Mosteiro de São Bento*, lembrou-se do horror que o Visconde de Sabugosa tinha do ditongo tônico [ãw].

Repito, ao concluir, o que já afirmei antes. A minha formação na área de Letras é consequência direta do conhecimento do mestre Nilton Vasco da Gama, que, nas mínimas coisas, me ensinou a estudar e a aprender. A ele – o homem de ciência de D’Arbois de Jubainville – devo o que sou. É sempre lembrando dele que busco fazer o melhor que posso e repito a quadrinha de domínio público:

Pilriteiro dás pilrito
 Porque não dás coisa boa?
 Cada um dá o que tem,
 Conforme a sua pessoa (TELLES, 2013, f. 4).

Referências

AUERBACH, Erich. 1949. **Introduction aux études de philologie romanes**. Frankfurt am Main: Vittorio Klostermann.

BALDINGER, Kurt. 1977. L'object de la linguistique. **Travaux de Linguistique et de Littérature**, Strasbourg, Strasbourg, v.15, n.1, p.379-83.

BALDINGER, Kurt. 1959. L'étymologie hier et aujourd'hui. **Cahiers de l'Association Internationale des Études Françaises**, Paris, n. 11, p. 233-264, mai.

BOURCIEZ, Édouard. 1956. **Éléments de linguistique romane**. 4. éd. rev. par l'auteur et par les soins de Jean Bourciez. Paris, Klincksieck.

BUENO, Francisco da Silveira. 1955. **A formação histórica da língua portuguesa**. 2. ed. Rio de Janeiro: Acadêmica.

GAMA, Nilton Vasco da. 1972. **Pequena bibliografia de filologia românica**. Salvador: Universidade Federal da Bahia: Instituto de Letras; Dep. de Letras Românicas. Com a colab. de Teresa Leal Gonçalves Pereira, Célia Marques Telles e Vera Lúcia Britto Gomes. Núcleo de Recursos Didáticos, 46.

GAMA, Nilton Vasco da; PEREIRA, Teresa Leal Gonçalves; Célia Marques TELLES; GOMES, Vera Lúcia Britto. 1969. Alguns aspectos do vocabulário relativo à vida anímica (sentimentos e sensações) no "Leal Conselheiro" de Dom Duarte. **Congresso da Associação de Filologia e Lingüística da América Latina**, 2. São Paulo: USP, 3-8.jan. 1969. Não publicado.

HALLIG, Rudolf; WARTBURG, Walther von. 1963. **Begriffssystem als Grundlage für die Lexikographie**: Versuch eines Ordnungsschemas. 2. neubearbeitete und erweiterte Auflage. Berlin: Akademie-Verlag.

LANG, Henry R[oseman]. 2010[1894]. **Cancioneiro d'El Rei Dom Denis e estudos dispersos**. Niterói-RJ: EDUFF. Ed. org. por Lênia Márcia Mongeli e Yara Frateschi

Vieira. Estante Medieval, 6.

LOBATO, [José Bento] Monteiro. 1947. **Emilia no país da Gramática**. São Paulo: Brasiliense. v.6, p. 3-156.

NEMÉSIO, Vitorino (sel.). 196-. **A Poesia dos trovadores**. s.l.p.: Bertrand.

NIVETTE, Joseph. 1975 [1974]. **Princípios de gramática gerativa**. Tradução Nilton Vasco da Gama. São Paulo: Pioneira. Trad., adap. ao português, glossário e bibliografia adicional.

UM TRATADO DA COZINHA PORTUGUÊSA DO SÉCULO XVI. 1963. Rio de Janeiro: INL/MEC. Ed. preparada por Antônio Gomes Filho.

TAGLIAVINI, Carlo. 1952. **Le origini delle lingue neolatine**. 2. ed. riel. Bologna: Riccardo Pàtron.

TAVANI, Giuseppe. O texto medieval e as suas “misérias e desventuras”. **Veredas**, Porto Alegre, v. 8, p. 46-74, 2007.

TAVANI, Giuseppe. Teoría y metodología de la edición crítica. In: SEGALLA, Amos, coord. **Littérature latino-américaine et des Caraïbes du XX^e. siècle**: theorie et pratique de l'édition critique. Roma: Bulzoni, 1988a. p. 35-51.

TAVANI, Giuseppe. Le texte: son importance, son intangibilité. In: SEGALLA, Amos, coord. **Littérature latino-américaine et des Caraïbes du XX^e. siècle**: theorie et pratique de l'édition critique. Roma: Bulzoni, 1988b. p. 23-34.

TELLES, Célia Marques. 2021. **Um projeto para o futuro**. Salvador: UFBA. Discurso proferido na outorga do título de Professor Emérito, em junho de 2021. Power point.

TELLES, Célia Marques. 2020. Linguística românica: um olhar sobre quem somos e o que fazemos. In: SOUZA, Risonete Batista de; BORGES, Rosa; ALMEIDA, Isabela Santos de; SOUZA, Débora de. org. **Filologia em diálogo**: descentramentos culturais e epistemológicos. Salvador: Memória & Arte. p. 93-126.

TELLES, Célia Marques. 2016. **Estudos filológicos**: linguística românica e crítica textual. Salvador: EDUFBA. Organização de A. Ariadne Domingues de Almeida, Arivaldo Sacramento de Souza, Isabela Santos de Almeida, Rosa Borges dos Santos, Rosinês de Jesus Duarte.

TELLES, Célia Marques. 2013. **Memorial**. Salvador: UFBA; ILUFBA; DFEL; SFR. Memorial apresentado ao Departamento de Fundamentos para o Estudo das Letras, para atender às exigências do PROPAP, para permanência como docente do Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura.

TELLES, Célia Marques. 1999. **Memorial**. Salvador: UFBA; ILUFBA; DFEL; SFR. Memorial apresentado para Concurso de Professor Titular para a matéria Filologia Românica.

TELLES, Célia Marques. 1988. **Coleção de roteiros portugueses da Carreira da Índia no século XVI**: edição do manuscrito FP 56 da BNP. Tese (Doutorado em Letras – área Filologia e Língua Portuguesa) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.

TELLES, Célia Marques. 1982. **As categorias de modo, tempo e aspecto em textos românicos do século XVI**. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador.

TELLES, Célia Marques. 1971. **Tentativa de classificação semântica do vocabulário de uma comunidade religiosa de candomblé segundo o sistema conceitual de Rudolf Hallig e Walther von Wartburg**. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador.

TELLES, Célia Marques. 1969. O Estilo dos “roteiros de navegação”, dos “diários de navegação” e das “cartas-relação” na literatura de viagens; uma contribuição ao estudo do português do século XVI. **CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO DE FILOGIA E LINGÜÍSTICA DA AMÉRICA LATINA**, 2. São Paulo: USP, 03-08 jan. 1969. Não publicado.

TELLES, Célia Marques (edit.). 1965. **O Livro de marinharia de Manuel Álvares**:

(manuscrito português do século XVI). Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Letras Neolatinas) – Universidade Federal da Bahia, Salvador.

TELLES, Célia Marques; SELLA, Aparecida Feola, org. 2016. Introdução: uma parceria, caminhos e resultados. *In*: PORFIRIO, Lucielen; SIQUEIRA, Sávio, org. **Colhendo frutos e partilhando saberes acerca da linguagem**: diálogos entre pesquisas de um doutorado interinstitucional. Cascavel-PR: EDUNIOESTE. p. 23-31.

VIDOS, B. E. **Manual de lingüística românica**. 1963 [1959]. Trad. de la ed. ital. por Francisco de B. Moll. Madrid: Aguilar.

VIDOS, B. E. 1959. **Manuale di linguistica romanza**. Tradução do holandês de G. Francescato. 1. ed. ital. completamente aggior. dall' autore. Firenze: Leo S. Olschki.

VIEIRA, Antonio, Padre. 1951. **Sermões**. Porto: Lello & Irmão. Revisto pelo Rev. Padre Gonçalo Alves. Obras Completas do Padre Antonio Vieira, v. 15.

